

O sujeito sujeitado

Nilton C. Bianchi¹, Ribeirão Preto

Reflete-se acerca de certas características do sujeito contemporâneo e de sua grave deficiência de ser. Compreendido como entidade que habita no entroncamento de dois mundos, o interno e o externo, ele é neste espaço terceiro hoje fragmentado pela lógica pós-moderna. Discute-se algumas questões relativas à condição de um sujeito narcisista atravessado pelos ditames da cultura atual.

Palavras-chaves: Sujeito; Cultura; Narcisismo; Pós-modernidade

¹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

O aparecimento de um surto viral desconhecido no início do ano de 2020 assustou e chocou uma grande parcela da humanidade. Diante de um quadro de incertezas, entendidas como inaceitáveis, manifestaram-se sentimentos de angústia sob a forma de indignação, medo e negação. A partir de um espanto catastrófico coletivo, tornou-se corriqueiro referir-se à pandemia como uma ocorrência traumatizante. Mas o que, afinal, teria levado a que se implantasse no discurso leigo e no especializado, de forma praticamente instantânea, a perspectiva do traumático? O que essa instantaneidade tornaria manifesto? Qual seria, de fato, o traumático *nesta* pandemia? Seja como for, perplexidade, confusão e maniqueísmo disseminaram-se no imaginário e nas atitudes, tanto individual quanto coletiva, e parecem, enquanto sintoma, desvelar aspectos importantes do *zeitgeist*² atual, pelo menos no que se refere ao Ocidente, responsável por lidar de forma muito mais precária e titubeante com o assunto do que o Oriente, o qual, de uma maneira ou de outra, tem conseguido controlar a peste. Partindo daí o foco do presente artigo estará centrado nas relações entre o sujeito e o seu mundo contemporâneo. Assim, a título introdutório, considera-se necessário apresentar brevemente algumas ideias do filósofo coreano-alemão Byung-Chul Han acerca da pós-modernidade, uma vez que elas dialogam com as reflexões subsequentemente desenvolvidas.

De acordo com Han (2017), o aparato psíquico freudiano seria um sistema de negatividade (repressão e negação) no qual o Superego representa o imperativo do *dever*; que “transforma o Eu em objeto de obediência. (...) É o outro dentro de si mesmo” (p. 52). Para ele, isto seria incompatível com a sociedade atual, que é a do desempenho e da positividade, na qual o *dever* foi substituído pelo *poder*. Assim, o sujeito do desempenho pós-moderno teria uma psique totalmente diferente daquela do sujeito da obediência, visto ser um sujeito da afirmação, sendo pobre em negação; *afirmação*, aqui, representaria um si-mesmo, ao passo que *negação* seria um representante do outro (que nega o si-mesmo). Tratar-se-ia hoje, então, de negação da negação, e também de excesso de presença, porquanto a ausência e a descontinuidade não podem ser suportadas.

Deste modo, Han (2017) diz que o sujeito pós-moderno (e aqui existe uma diferença fundamental com Bauman, que considera a pós-modernidade uma extensão da modernidade, não constituindo um novo paradigma) não seria voltado ao trabalho do *dever* – como expresso no modelo freudiano de Superego –, mas da liberdade, do prazer, da inclinação, do *poder* que não se exerce mais por coerção, mas por voluntariedade do sujeito que acredita que age por desejo próprio, que deseja o que deseja. Assim, ele “se desonera do outro que ordena” (p. 61), ouve

² N.R.: sinal dos tempos, espírito da época.

sobretudo a si mesmo, de modo que “a liberdade do outro se converte assim, em autorrelação narcisista, responsável por inúmeras perturbações psíquicas, próprias do sujeito do desempenho” (p. 61).

Isto implica que a negação do outro (negação da negação) cause uma crise de gratificação e de autoconhecimento que obriga este sujeito a *produzir* e a *desempenhar* mais e mais. Trata-se de um sujeito que age, que não inter-age. Diz o filósofo: “no narcisismo, ao contrário, desaparecem os limites que separam do outro; quem sofre de distúrbio narcísico mergulha para dentro de si mesmo. Se a relação com o outro se perde totalmente, tampouco poderá se formar uma autoimagem estável” (Han, 2017, p. 63). E prossegue:

É precisamente a impossibilidade – condicionada pela sociedade – de *formas* objetivamente *válidas* e *definidas de conclusão* que leva o indivíduo para dentro de uma repetição narcisista, de tal modo que não consegue alcançar qualquer *configuração*, imagem de si mesmo nem *caráter*. (...) *o sentimento de ter alcançado uma meta jamais chega a se estabelecer*. Não é que o sujeito narcisista *não queira* chegar à conclusão, ele não é capaz disso; ele se perde no aberto. (p. 65, grifos do autor)

O autor coloca, então, que existiriam duas formas de potência: a positiva, que é a de fazer alguma coisa e que está ligada a alguma coisa, e a negativa, que não está ligada a nada, que é a potência de não fazer. Afirma que, sem a potência negativa de não perceber, a percepção estaria exposta a todo tipo de estímulos intrusivos, ou seja, um assolamento traumático. A este respeito, Han (2015) conclui que “então não seria possível qualquer ação do espírito” (p. 57). De acordo com ele, a negatividade, o vazio, seria o traço essencial para a contemplação; ao contrário, a “absolutização unilateral da potência positiva” (p. 58) resultaria “numa forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre” (p. 58): a hiperatividade.

No trabalho acima citado, o autor chamou de *Imunológico* ao paradigma próprio da modernidade, que teria como categoria central a alteridade, e de *Neuronal* ao paradigma da pós-modernidade, que, alheio à negatividade, implicaria em um excesso de positividade, com o desaparecimento da alteridade, que seria a negatividade da diferença, em prol de um hibridismo e da demasia, frente aos quais a defesa *imunológica*, operada através do estranhamento e da diferença, não poderia ser exercida. Em seu lugar, existiria agora o que ele chamou de *ab-reação neuronal-digestiva*, cujo mecanismo de defesa seria a *rejeição*.

Ironicamente, o que colocou a comunidade mundial desconcertada e de

Nilton C. Bianchi

joelhos foi um vírus que produz, na forma grave da doença, uma hiper-reatividade *imunológica*... Seria forçar muito os limites do bom-senso enxergar, nesta manifestação da patologia, uma desconfortável coincidência com o esvanecido paradigma da modernidade, que representa justamente aquilo que desestabiliza o hiperativo (reativo) sujeito pós-moderno? Digressões à parte, fato é que uma virose atingiu em cheio o paradigma de positividade da pós-modernidade, colocando-o à nu ao impor ao sujeito uma negatividade: recolhimento, contenção, limitações, incertezas. A pandemia negativou, de certa forma, o excesso de presença, impedindo os indivíduos de exercerem o que eles consideravam ser a *sua* vontade.

Foi assim que o sinistro, personificado sob o enigmático nome de Sars-CoV-2, ameaçando com doença e morte, confrontou este homem personalista e voraz com uma fragilidade insuspeitada, diante da qual ele se percebeu com poucos recursos para lidar. Coletivamente regredido, para não submergir em um mal-estar que acreditava ser provocado pelas ocorrências que atingiram as suas certezas narcísicas (Eu Ideal), buscou apegar-se a ideias mágicas maniqueístas e a fantasias de pronta redenção à uma normalidade perdida (um pronto retorno à *continuidade*). Não conseguiu realizar, entretanto, que esteve vivendo em uma rede intrincada de ilusões criadas e mantidas por discursos enganosos que convenientemente o fizeram se submeter, de maneira dócil e alegre, a uma determinada ótica de mundo coisificante, lógica que ele acredita ser sua.

Com efeito, há algumas décadas observa-se que, no plano sociocultural, a palavra³ vem tendo dilapidada a sua condição de portadora de um significado fidedigno e confiável. Melhor dizendo: dela suspeita-se a falsificação. Sob tal imantação, a palavra vem perdendo a sua consistência representacional para tornar-se fluída, banal e irresponsável porque atravessada por uma impronta denegativa, fenômeno ilustrativo do *modus vivendi* da cultura pós-moderna. Isto parece relacionado ao fato do par percepção-representação da realidade ter, de certa forma, diminuído a sua ascendência na formação dos discursos, porquanto o falso e o verdadeiro passaram paulatinamente a se confundir e a se sobrepor. Este fenômeno disseminado nas mais variadas sociedades foi traduzido pelo termo *pós-verdade*, neologismo criado pelo dramaturgo Steve Tesich (1992), que, de forma sucinta, refere-se a que algo que aparente ser verdade é mais importante que a própria verdade.

A palavra teve, assim, desafiada e subvertida uma de suas funções básicas, que é a de ser a transcrição dos fenômenos das realidades interna e

³ De acordo com Kaës (2017), “A palavra, tal como formada e usada presta-se ao jogo do sentido, no qual se reflete o ‘obscuro conhecimento dos fatores e fatos psíquicos e daquilo que acontece no inconsciente’, palavra que Freud (1901) considerou responsável pelas construções mais complexas que são as crenças e os mitos” (p. 86).

externa, representando-os. Parafraseando Bauman, isto parece ter tido o efeito de *liquefazer* a estrutura simbólica intrínseca à palavra, inserindo-a em um cenário de instabilidade representacional, o que teria enfraquecido a sua condição de ser portadora de signos passíveis de serem empregados na constituição de símbolos que possam vir a ser usados na formação de uma teia de representações utilizável, ao mesmo tempo, como barreira defensiva e filtro. É tremendamente sério que a palavra tenha sido assim afetada, em especial quando se considera o processo secundário e as questões relacionadas à formação do pensamento. Ou seja, é a própria condição de pensar e de sonhar que se vê transtornada, já que não é possível manter o tipo de cisão requerida pela denegação sem uma corrupção permanente dos processos de representação e de pensamento.

Pensando em termos do processo terciário greeniano, o que ocorre quando a área da ilusão é infiltrada por uma perversão dos sentidos? Pode o objeto assim transtornado ser criado na esfera da ilusão para depois ser encontrado, como afirmava Winnicott? Porque o fato é que ele simplesmente não está lá; o que está lá é, quando muito, um simulacro. Isto inverte a formulação Winnicottiana. Então, conseqüentemente, ficará comprometida a possibilidade de constituição de um espaço intermediário, podendo-se supor, portanto, que o próprio processo terciário – fonte de criatividade intrapsíquica pelo enlace entre elementos pertencentes a diferentes processos psíquicos – se veja seriamente prejudicado, o que afetaria todo o processo de subjetivação. Um dos desdobramentos disto seria que, no contexto das atuais condições socioculturais, o sujeito vive as dificuldades circunstanciais (as *descontinuidades* da vida) como excessos intoleráveis, impensáveis, traumáticos, devido à preponderância da identidade de percepção, própria do processo primário, sobre a identidade de pensamento, característica do processo secundário. Neste contexto, o sujeito pós-moderno acaba tendo obstruído o seu acesso aos recursos simbólicos facultados pela cultura⁴ (o objeto que já está lá e que é encontrado pelo sujeito depois de cria-lo).

Mas, afinal, como se chegou até este ponto?

Em consonância com Han, pode-se supor que a lógica de mundo consumista e hedonista fomentada pelo modelo capitalista em sua versão neoliberal e globalista, em associação com as novas tecnologias digitais, contribuiu para solapar, em um curto espaço de tempo, tradições culturais estruturadas por muitas gerações,

⁴ Kaës (2017) discute a noção de organizadores socioculturais. Diz ele: “Lembro que os organizadores sociais são modelos de grupamento e de relação propostos por obras culturais. Esses organizadores funcionam como um código cultural próprio a uma sociedade, assumem funções sociais na medida em que organizam a internalização coletiva de modelos de referências grupais que asseguram e regulam as trocas sociais e interpessoais. Também cumprem funções psíquicas, notadamente formando modelos identificatórios e garantindo a passagem à codificação social de representações psíquicas inconscientes por projeção e introjeção” (p. 92).

Nilton C. Bianchi

ocasionando a mudança de concepções (ideias, representações), sentimentos e comportamentos. *O meu!*, *o tenha!*, *o triunfe!*, *o goze!*, foram entronizados como *slogans* de um imperativo de caráter narcísico encravados nas relações entre os sujeitos e destes nos – e com os – grupos.

Não é difícil constatar a influência e a extensão danosa destes *slogans* de “sucesso” no plano interspíquico. Basta olhar para as crianças e adolescentes com pais incapacitados de exercerem as suas funções paterna e materna por se encontrarem narcisicamente infantilizados. Egocêntricos e aderidos à imagem, considerando o parecer mais importante do que o ser, estes pais, não raras vezes, usam os filhos como “instrumento” para refletir seus próprios anseios narcísicos, em uma espécie de inversão da fase do espelho lacaniana. Não é por acaso que vem se observando um aumento exponencial de casos de depressão e de suicídio neste grupo etário, assim como um incremento da crueldade e de atos delinquentiais nas escolas e nas mídias sociais sob a forma de *bullying* e outras atuações ainda mais graves.

A desagregação persistente do enquadramento tranquilizador provido pelos garantes culturais isola o indivíduo ao desmontar as vias de acesso aos recursos simbólicos comunitários (mitos, crenças, literatura, iconografia, rituais, costumes, provérbios, etc.), de maneira que ele não pode utilizá-los como modelos organizadores e auxiliares para pensar suas vivências. Ao mesmo tempo, este sujeito descolado de seus nexos históricos e culturais, cativo da dimensão do si mesmo, torna-se incompetente para inscrever a experiência emocional pessoal e grupal naquilo que seria uma longa esteira de registros simbólicos cumulativos (formados por um processo de agregação auspiciado pela palavra e pela narrativa, a partir da complexa dinâmica de projeções, introjeções e identificações⁵) que seriam os tijolos constitutivos da cultura. A falha neste processo, então, debilita indivíduo e grupo; empobrece a cultura e mergulha o sujeito em vazio, insatisfação e inquietação. Neste contexto de desestabilização do simbólico-cultural, constata-se que o *nosso* tornou-se atualmente pronome quase excluído do mundo de um sujeito sujeitado a ser consumidor e, ao mesmo tempo, produto. Paradoxalmente, ele não se concebe como uma entidade a não ser dentro desta imposição alienante: ele não pode existir se for *inútil* à lógica pós-moderna narcisista – por meio da qual ele acredita ser o *desejo do próprio desejo* (diferentemente do que dizia Lacan acerca

⁵ Freud (1921/1996) diz que “a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional” (p. 116), sendo fruto de uma catexia sexual com o objeto (inicialmente a mãe) e de uma ligação com o pai (tomado como ideal), tendo caráter ambivalente. Como se sabe, a identificação está na base da constituição de todo grupo e da cultura; inclusive, por empatia, de todo processo de aprendizagem e conhecimento.

do desejo do desejo do Outro) –, na qual, como dito anteriormente, o negativo (o outro, a diferença) é negado.

Este sujeito “autosujeitado” a um aplainamento da própria subjetividade, fronteiro e vitimado por seu tempo, torna-se esvaziado na dimensão pessoal e sociocultural porquanto alijado da experiência do *nós* (o interpessoal) e do *nosso* (o transpessoal)⁶. Estes dois aspectos relacionais vinculares representam as diferentes dimensões das relações Eu-objeto e sujeito-tradições e cultura. Como sugerido em um momento anterior, o dismantelamento dos ritos e da cultura – o *nosso* –, afetou profundamente as relações, na medida em que o *nosso*, entidade cultural, bem comum compartilhado⁷ e transcendente, foi dessubjetivado por uma equação utilitarista de uso e descarte (o que traduz o desprezo e o descompromisso para com o objeto, indo de encontro à ideia de Han no sentido de que a defesa central do paradigma neural seja a *rejeição*). Ao mesmo tempo, a transcendência foi transformada, por inversão, em efêmero, por ação de mecanismo denegativo. Em contraste, Kães (2004) refere que

Os objetos, os vínculos e os espaços psíquicos compartilhados implicam uma *diferenciação* dos lugares e das funções dentro da comunidade. É com base nessa diferenciação do compartilhamento que se organiza o processo de subjetivação, como separação da “psique comum”. (p. 59, grifo do autor)

Ao expor o hibridismo do sujeito pós-moderno, Han parece assinalar um dos efeitos do desmonte desta *diferenciação* dos lugares e das funções. Nesse quadro, é legítimo questionar não somente acerca das múltiplas expressões híbridas de sexualidade atualmente, mas também interrogar as implicações deste desmonte sobre a castração e sobre as fantasias edípicas, com seus desdobramentos sobre as relações interpessoais e entre gerações e, no limite, os seus efeitos nos processos cultural e civilizatório.

Seria exagero sugerir que as relações entre sujeito e objeto, este em sua dupla

⁶ Termo aqui utilizado em seu sentido etimológico de *trans* (ir além de) + *pessoal*: aquilo que vai além do indivíduo – o grupo, comunidade, a cultura.

⁷ Para Kães (2004), “O que transforma o comum em compartilhado é o que ativa o vínculo. Ativar um vínculo é entrar numa lógica do ‘não um sem o outro’ nas trocas tópicas, econômicas e dinâmicas. Uma fantasia comum é compartilhada quando cada sujeito ativa nessa fantasia um lugar correlativo ao lugar de um outro ou de vários outros, aos quais ele se vincula numa cena inconsciente compartilhada em que se distribuem, de maneira complementar ou invertida, esses lugares psíquicos” (p. 56). Complementarmente, à frente agrega que “Entrar num espaço comum é já tê-lo compartilhado, assim como encontrar o objeto é reencontrá-lo”, e diz em seguida que “Esse espaço é a matriz comum da vida psíquica: o espaço da vida embrionária e dos primeiros meses de vida é o protótipo da experiência que especifica essa comunidade psíquica” (p. 57).

Nilton C. Bianchi

condição de alvo (da pulsão) e fonte (de incitação, de curiosidade, de conhecimento, de afetos, de atos, de projeções, etc.), sofreram uma fratura, um esvaziamento por deficiências nos processos de subjetivação e de simbolização? Seja como for, o que se observa é a existência de um alheamento do sujeito em relação ao *nós* e ao *nosso*, que representam justamente duas áreas a partir das quais é possível tomar contato com elementos enquadrantes e modelos socioculturais advindos de um saber subjetivo comum, pertencentes ao *além-sujeito transcendente* e capazes, ao serem introjetados pelo sujeito, de auxiliar na constituição de recursos intrapsíquicos para elaboração daquilo que possa ser experimentado como impactante e excessivo. Poderia atribuir-se a estes aspectos alguma função na composição do sistema de defesa que Freud chamou de para-excitações (Freud, 1885/1996) e que, na visão de Kães (2004), com o apoio das pulsões, “formam-se e se conformam no contato com o objeto e com o outro no objeto” (p. 58)? Provavelmente sim.

O sujeito pós-moderno é fetichizado, narcisista e isolado, não sendo possuidor de uma identidade suficientemente constituída, realidade interna esta que se manifesta por sintomas tais como os costumes tão difundidos de se tatuar e de cultivar o corpo, que representam formas concretas e primitivas de registro por meio das quais se tenta afirmar imagetivamente uma identidade que ele, na verdade, só tem *em aparência* por meio da positividade. Assim, este sujeito desafetado em vários aspectos, cindido em múltiplas dimensões e preso ao universo das sensações, teme *desaparecer* quando não é permanentemente gratificado em um tempo que, dividido somente em sua dimensão imediatista, é sempre fugaz e fugente: trata-se daquele sujeito que não pode nunca encontrar gratificação, conforme descrito por Han.

Ora, não se encontraria aqui uma expressão do funcionamento próprio do processo primário, onde a energia escoia livremente de uma representação para outra por deslocamentos e condensações, levando às alucinações primitivas? Através de um processo que desconhece o investimento estável das representações e, conseqüentemente, a temporalidade, este sujeito, que não pode aceitar a incompletude, as descontinuidades, as frustrações, o envelhecimento e a morte, termina privado do sentimento de esperança ao viver, em plano interno e externo, em um tempo sem tempo, não podendo desenvolver capacidade de tolerância (uma das expressões da continência). Neste marco, também ignora o outro como objeto de uma experiência emocional *fundante* que se realiza no campo de uma relação *comum*.

Por *comum*, aqui faz-se referência, como modelo, à primeira experiência do bebê com o objeto primário. Em um momento inicial, por demanda instintual, este busca o seio; complementarmente, o seio é o objeto (Outro) que se entrega

à criança por demanda de desejo da mãe: desde sua dependência, o bebê busca o seio que, desde a sua potência, oferta-se a ele. Importante ressaltar os sentidos cruzados nesta relação: à potência, a posição passiva, ofertante; à dependência, a posição ativa, demandante (aí, o protótipo do modelo de relação analítica de fala e escuta). Isto expressa o que foi descrito como o complexo do semelhante, *Nebenmensen*, que Freud (1950[1895]/1996), no *Projeto para uma psicologia científica*, aponta como precursor do sujeito e do outro. Assim, uma *relação comum* implica a presença e o encontro de dois: sem o seio não há bebê; sem o bebê não existe mãe. O *holding* e o ambiente (Winnicott, 1990) são supostos para configurar e garantir a formação de um espaço intermediário inicial suficientemente capaz de conter tanto as manifestações das pulsões quanto as do objeto que, no futuro, constituirá a base de continência das emanações do mundo vincular ampliado das ligações pulsionais e afetivas com o outro e das relações socioculturais.

Então, desde este *comum*, é possível deduzir o valor fundamental da *comunidade* como uma das fontes essenciais da experiência subjetiva de pertença do sujeito que expressa, em modo expandido, uma *experiência* de continente/contido. Nestes termos, na lógica da comunidade, o *nós* e o *nosso* são mais importantes que o *eu* e o *meu*. Incisiva na subjetividade, esta experiência de pertencimento será capaz de fazer surgir no sujeito uma dimensão referida a um modo de relação, de grande importância relacional e vincular: o *mim* em contraponto ao *eu*.

Expandindo esta ideia por analogia gramatical, e articulando-a ao exposto sobre a experiência do bebê com o objeto no *Nebenmensen*, tem-se que *mim* é pronome pessoal do caso oblíquo, a propósito de sua função de *complemento* verbal, de objeto e de agente da voz passiva na frase. *Eu*, diferentemente, é pronome pessoal do caso reto, e a sua função na frase é de sujeito do verbo, aquele que realiza a ação, ou seja, pertencente à voz ativa. De modo correlato, estas duas formas pronominais expressariam duas *condições* diferentes no âmbito da experiência subjetiva do sujeito: o *eu* estaria para as pulsões e para o mundo externo (enquanto fonte de todo tipo de estímulos), assim como o *mim* estaria para o simbólico e para a sabedoria.

Em consonância com a noção de posições de ego de Klein (1952/1991), na primeira condição (*mim*), manifesta-se a potência representada pela ligação dos conteúdos afetivos, representacionais e simbólicos, com destaque à consideração pela importância do objeto no quadro de relações complementares que se abrem para a interação dinâmica inter e transpessoal. Na segunda, o *Eu* busca triunfar permanentemente sobre o objeto ao pretender tomá-lo sob o seu domínio e controle por identificação projetiva, e o mundo externo tende a se eclipsar em um mundo interno coalhado de cisões, gerando sentimentos aflitivos advindos de uma vivência

Nilton C. Bianchi

claustrofóbica permeada por fantasmas terríficos inomináveis, como se verifica, por exemplo, nos episódios de síndrome do pânico.

É possível pensar em um quadro referencial de modo de relação de sujeito, onde o *eu* associa-se ao *meu* (o ter, a posse, a coisa, a sensação) no marco do processo primário, enquanto o *mim* associa-se ao *contigo* (*com* o simbólico, *com* o transcendente, *com* o outro e *com* a sublimação) no marco dos processos secundário e terciário. No modo do *meu*, o sujeito está só e, como um rei Midas que tudo tem, sente-se empobrecido, carente e frágil. No modo do *contigo*, ao contrário, o sujeito tende a sentir-se mais acompanhado, amparado e enriquecido, tanto afetiva quanto simbolicamente, pela *sujeição consentida ao objeto* (o outro e a cultura). O *mim*, então, seria a noção, fincada na subjetividade do sujeito, de uma espécie de *entidade da (com)partilha*, de sujeitado do *contigo*, capaz de conter qualidades como a generosidade, a gratidão, a criatividade, o amor em dimensão não egoísta (à humanidade, à vida, ao bem, ao belo, à verdade, à *philia*...), etc.: representaria a consecução da posição depressiva, onde o simbólico é a carne do sujeito.

A dimensão do *contigo* contribuiria, então, com os recursos das sabenças tradicionais, assim como com os signos e símbolos da cultura, para que as experiências de assolamento pelo externo e pelo interno encontrem continência em virtude da introjeção destes modelos, sendo, assim, mais facilmente contidas e transformadas. Isto tem um aspecto econômico muito importante, que é economizar trabalho mental (gasto de energia) nos processos elaborativos. Fora desta dimensão, restaria ao sujeito empreender um esforço descomunal para realizar um trabalho mental contando *exclusivamente* com os próprios recursos constitucionais internos, algo obviamente impossível.

Como apontado outras vezes, a cultura da negação da negação é avessa à dimensão do contigo, porque essa lhe ameaça em sua lógica; o *contigo* no contexto pós-moderno é *rejeitado*, para usar a expressão de Han. Entretanto, o sujeito não pode se constituir subjetivamente fora da relação desejante com o Outro. Desta situação, surgiria o sentimento de inconstância de ser tão característico dos casos-limite, efeito da negação da negação (o outro). Daí a necessidade de *mesmo* (Si) e de *continuidade* nesses indivíduos: as descontinuidades (doenças, crises de qualquer ordem, etc.) ameaçam de efração a um Eu Ideal que parece ser emblemático do sujeito pós-moderno.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/1996) disse que “O princípio do prazer decorre do princípio da constância” (p. 19). Isto significa que, em uma sociedade que insiste no prazer imediato ao invés da experiência subjetiva simbolizante, quando a constância e a possibilidade da necessária descarga tornam-se incertas e, às vezes, impedidas pelas *descontinuidades* da vida – ou então, ao

contrário, em um contexto de “normalidade” desubjetivante no qual o prazer é uma obstinação (o que, no limite, representa um esvaziamento) –, o sujeito estremece, assombrado por angústias de vazio e morte das quais tenta se esquivar por meio do recrudescimento das defesas narcísicas de cunho maniaco. Em outros termos, ele se vitimiza e procura defender-se de tais angústias com mais do mesmo – *eu-meu* –, o que só lhe faz aprofundar sentimentos de frustração, fracasso, desalento e vazio. Ele torna-se, então, epidemicamente sintomático: somatiza (adoecimento físico, stress, cansaço crônico, *burnout*, obesidade, anorexia, etc.), deprime, adere às mais variadas adições (drogas de todo tipo, sexo, seitas religiosas e ideológicas, exercícios físicos, trabalho, etc.).

Acosado por uma vacuidade excruciante, o dito sujeito pós-moderno, ao mesmo tempo ignorante e alheio a si e ao outro, projeta as angústias do sinistro (*Thánatos*) em um mundo externo pragmático, frio e indiferente – representante de uma imago inerte e desafetada, como uma espécie de *mãe morta* (Green, 1980) – que, para ele, deixou, *post omnes*⁸, de ser um referente. Como no mito platônico da caverna, ele olha para uma sombra, expressão de seu vazio, sem compreender que ela nada é, pois não tem recursos para enxergar a luz: não pode perceber a verdade, então, não pode conhecer. Este sujeito renegado arrisca-se, assim, a afundar naquela projeção negra e fria, desafetado e, ao mesmo tempo, expectante daquilo que *em verdade* desconhece, por ter sido privado de experienciar a fertilidade da alteridade e da diferença por conta dos enganos e ilusões que passaram a constituir-lo a partir da *incorporação* de uma lógica que lhe é intrinsecamente alheia.

Como se sabe, o sujeito é no entroncamento complexo de dois mundos, interno e externo, motivo pelo qual será sempre atravessado pela angústia, motor de seu devir. Como se pode constatar, diferentes momentos socioculturais modulam distintos tipos de sujeito, forjados na plasticidade das manifestações pulsionais em articulação com as condições cambiantes do outro, do meio e da cultura: a transitoriedade é sua condição de ser, de modo que registros outros, pretéritos, não lhe servem. Deste modo, hoje, não se trata de lamentar pressupostos culturais e paradigmas perdidos, ainda que, por alguma ilusão saudosa, isto seja feito por quase todo aquele que se arrisca no terreno pantanoso das idealizações.

Não se pode, entretanto, deixar de render consideração a esse sujeito contemporâneo que está sendo, querendo ou não, quem arca com o pesado ônus de operar transformações nas relações com a sexualidade no contexto hibridizante e desubjetivante da lógica pós-moderna. Apesar de tudo, as múltiplas manifestações de gênero e de sexualidade passaram a ser aceitas com maior liberalidade, o que diminuiu o sofrimento e a exclusão de toda uma gama de pessoas que se viam

⁸ N.R.: apesar, depois de tudo.

Nilton C. Bianchi

condenadas às sombras, à incompreensão e ao silêncio. Esse mesmo sujeito contemporâneo também tem sido o primeiro a realizar a experiência novíssima de estabelecer relações afetivas e mesmo sexuais através de meios virtuais, criando um canal inédito de expressão de uma possível subjetividade ainda mal compreendida e insuficientemente estudada pelos psicanalistas. Mesmo a tão criticada ruptura dos padrões tradicionais de relação inter-geracional, malgrado as complexas consequências que comporta, poderia também ser pensada do ponto de vista de um novo modo, distinto do patriarcal, de relação entre o sujeito e o outro, com potencialidade para desenvolver maior horizontalidade, liberdade e realização pessoal.

Talvez, neste momento, esteja reativamente articulando-se outro senso de grupalidade na *coletividade dos sujeitos*. Um sinal disto poderiam ser as manifestações de massa que brotaram em diferentes partes do mundo a partir de meados de 2020. P. ex., a questão racial nos Estados Unidos ganhou imediato apoio solidário ao redor do globo. Estaria, embrionariamente, surgindo algum novo sentido de comunidade, ou seria apenas mais um caso de contágio histórico em massa? Ainda não se pode tirar qualquer conclusão a respeito, mas, mesmo assim, é digno de nota que aqueles que tomaram as ruas já não expressavam *exatamente* o sujeito narcisista de que se veio falando até aqui. Não foram observadas, por exemplo, pessoas fazendo *selfies* nas passeatas de protesto, como certamente seria possível ver alguns meses antes. Ainda que atuando dentro de uma concretude de pensamento, mostrada pela necessidade de “estampar” uma vivência ou um fato como forma de garantir o seu registro (operado pela identidade de percepção), filmavam tudo com seus celulares, porém as câmeras não estavam voltadas *para si*, mas para fora, para aquilo que estava acontecendo, com o desejo de compartilhar uma *experiência comum* com os *Outros* mundo afora.

Será que o impacto de descontinuidade produzido pela crise da pandemia incitou forças originárias inconscientes intrinsecamente contrárias àquilo que vem sujeitando ao sujeito? Não se pode perder de vista que a ação fundamental da pulsão de vida é a de ligar; o objeto sendo o alvo principal e continuamente visado. Quando Bion (2003) propõe que o bebê nasce, acaso ele não estaria se referindo à *potencialidade permanentemente presente* no inconsciente, seja lá qual for a situação, de realizar o objeto, assim como da propensão do indivíduo ao encontro vinculante e subjetivante com o outro? Basta que se observe o fenômeno das manifestações de protesto para se constatar que foi estabelecida uma imediata comunicação em massa a nível global, prontamente entendida pela imensa *comunidade humana de outros*, e que engajou (*ligou!*), em questão de poucas horas, milhões de pessoas em diferentes regiões do planeta, notadamente

os adultos jovens (que são a encarnação modelar do sujeito contemporâneo]: de maneira imediata, como em uma *cena lúdica coletiva*, surgiu uma nova pauta que, curiosamente, não se relacionava em nada com a pandemia viral. Ao contrário, estabeleceu-se *apesar* dela; sobrepôs a ameaça da *morte*! O que representaria este fenômeno de massa senão um efeito do pulso irrefreável de Eros, e uma mostra do poder desta instância onto-filogenética transcendente que é o Inconsciente, demonstrando a sua resiliência?

Excetuando-se situações de cataclismos ou de genocídios, jamais se viu na história da humanidade um desmonte tão abrangente e veloz das bases e dos garantes socioculturais quanto na atualidade. O que a psicanálise tem diante de si é uma situação muito diferente daquelas que enfrentou até o início da pós-modernidade, porque, ainda que o sujeito de cada época trouxesse novos desafios à sua compreensão, a base da estrutura representacional dos códigos e símbolos estruturantes da cultura permanecia relativamente estável. Nos tempos atuais, isto não mais ocorre.

O craquelado sujeito pós-moderno que, por meio de seu corpo modelado ou obeso e de sua “pele fina” (Rosenfeld, 1987) tatuada, vem gritando a urgente necessidade de subjetivação, tem despertado, em muitos analistas ao redor do mundo, a consciência da importância de se praticar também uma psicanálise comunitária, questão essa abordada de múltiplas formas no último congresso da FEPAL, por exemplo. Ainda não se tem muita clareza sobre qual e como poderia ser um trabalho desta natureza. Há muito o que se discutir e pesquisar a respeito de tal assunto, e ainda não há uma definição de estratégias tecnicamente estruturadas que permitam intervir de forma sistemática e eficaz na abordagem da problemática do sujeito atual *no plano cultural-comunitário*. De qualquer modo, vale assinalar a importância simbólica do gesto dos analistas argentinos que, com a força enquadante da palavra solidária que acolhe e acalma, foram receber na pista do aeroporto de Ezeiza em Buenos Aires, no exato momento em que pisaram o solo pátrio, aquelas pessoas que estiveram expatriadas por várias semanas devido ao fechamento das fronteiras nacionais por causa da pandemia de Sars-Cov-2.

Se, por muito tempo, o trabalho da psicanálise foi o de traduzir o paciente para si mesmo por meio da interpretação, hoje possivelmente o trabalho seja o de alfabetizá-lo, *gramaticizando-o* no registro simbólico de uma linguagem capaz de inscrevê-lo na ordem do Outro, do comum-compartilhado e, por fim, do sonho. Para isso, ele precisará ser *falado* pelo analista, muito mais, talvez, do que interpretado.

Acredita-se que isto seja válido tanto para o trabalho analítico realizado com o paciente no consultório, quanto para qualquer outro tipo de intervenção alternativa que possa vir a ser feita com as pessoas em um ambiente extra-consultório. □

Nilton C. Bianchi

Abstract

The subject subjected

This article brings a reflection about the contemporary subject and its severe deficiency of being. Thought as an entity that inhabits the crossroad of two worlds, internal and external, it *is* in this third space a third one fragmented by post-modern logic. Some questions are discussed regarding the condition of a narcissistic subject crossed by the dictates of current culture.

Keywords: Subject; Culture; Narcissism; Post-Modernity

Resumen

El sujeto sujetado

Se reflexiona acerca de ciertas características del sujeto contemporáneo y su grave deficiencia de ser. Comprendido como entidad que habita en el cruce de dos mundos, el interno y el externo, él *es* un tercero en este espacio hoy fragmentado por la lógica posmoderna. Se discute algunas cuestiones relacionadas a la condición de un sujeto narcisista cruzado por dictámenes de la cultura actual.

Palabras clave: Sujeto; Cultura; Narcisismo; Posmodernidad

Referências

- Bion, W. (2003). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 18, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 1, pp. 335-396). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Green, A. (1980). A mãe morta. In *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (pp. 239-273). São Paulo: Escuta, 1988.
- Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.

- Han, B. (2017). *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes.
- Kaës, R. (2004). *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Kaës, R. (2017). *O aparelho psíquico grupal*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Klein, M. (1991). Algumas conclusões sobre a vida emocional do bebê. In *Obras completas de Melanie Klein*, (Vol. 3, pp. 85-118). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Rosenfeld, H. (1987). Reflexão posterior: reformulando teorias e técnicas em psicanálise. In *Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirizos*, (pp. 301-315). Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- Tesich, S. (1992, January 6). A government of lies. *The Nation*. New York.
- Winnicott, D.W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (Trad. de I. C. S. Ortiz). Porto Alegre: Artmed.

Recebido em 01/01/2021

Aceito em 17/03/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Nilton C. Bianchi
Avenida Presidente Vargas, 2001/94
14080-110 – Ribeirão Preto, SP – Brasil
ncbianchi@uol.com.br

© Revista de Revista da SPPA